

## A Cimeira do Duplo Insucesso

por Mário Soares

Não pensei voltar a escrever, tão cedo, sobre a União Europeia, na Visão. Quando há tanto para comentar na política portuguesa. Mas a Europa é a nossa Região. Tudo o que respeita à Europa tem directamente a ver connosco. O duplo insucesso que ocorreu no último fim de semana - o projecto do Tratado Constitucional, agora sim, "ferido de morte"; e a incrível incapacidade dos líderes dos maiores países da União para se porem de acordo quanto aos fundos estruturais para 2007/2013 e ao Orçamento - toca-nos gravemente, obrigando-nos a reflectir sobre o futuro próximo de um projecto, em que estamos vitalmente inseridos e em que sempre maioritariamente acreditamos.

O duplo fracasso da Cimeira de Bruxelas obriga-nos a repor tudo em causa. "Uma pausa para pensar", como disse com um ar displicente e todo sorrisos Tony Blair? Muito mais do que isso. "Uma vergonha", como a justo título exclamou o primeiro ministro do Luxemburgo, Jean Claude Juncker - um político de convicções, europeísta e sério - que não escondeu, no final da Cimeira, a sua funda decepção. Tanto mais que a intransigência partiu de representantes de dois dos maiores países europeus, em disputa pela liderança: Tony Blair (pelo Reino Unido) e Jacques Chirac (pela França). Quando, sublinha-se, os representantes dos dez novos países da União, liderados pelo primeiro ministro da Hungria, se dispuseram a abdicar de parte do que receberiam, para facilitar o acordo entre o Reino Unido e a França. Mas o pomo da discórdia não era só o interesse egoísta pelo dinheiro. Era mais fundo: dizia respeito ao modelo da União que queremos vir a construir.

Jean Claude Juncker, presidente em exercício da União, que em 1 de Julho próximo passará a presidência rotativa a Tony Blair, ainda quis manter aberta a porta para deixar passar uma réstea de esperança. Disse ele: "Sairemos desta crise. Mas quanto tempo perdido e que momento tão mau para a provocar"!

Na verdade, o momento não podia ser pior. E, quanto a mim, o principal culpado foi Tony Blair. No final da reunião, vi-o pela televisão, com uma taça de chá na mão, a passear a sua insolência entre os seus parceiros, que mal cumprimentava, com um impante sorriso de vitória, de orelha a orelha. O que contrastava fortemente com o ar abatido dos outros. Não perdeu tempo, de resto. Falou já no tom de quem se propõe substituir o eixo franco-alemão e abrir um novo rumo para a União. Foi porventura demasiado apressado.

Na verdade, o Reino Unido nunca quis que a União Europeia fosse um projecto político de paz e de bem estar social, de União de Estados e de Povos, capaz de jogar um papel, de primeira ordem, na cena internacional, na condenação dos hegemonismos agressivos, que contribuisse para regular, em termos sociais e ecológicos, a globalização neo-liberal, sem valores nem ética, que está a encaminhar o mundo para uma catástrofe anunciada. Blair sempre viu a União Europeia como um amplo espaço económico de livre câmbio e pouco mais do que isso. Tudo tem feito para evitar a construção de uma União Política e Social, embora nunca deixando de tomar o comboio europeu, quando ele já está em andamento... Mas, recordemo-lo, o Reino Unido não participa no euro, na moeda única, nem no espaço Schengen.

Blair, entre a União Europeia e a "amizade especial" com os Estados Unidos, privilegiou sempre esta última. Está no seu pleno direito. Mas então que deixe os outros países europeus avançar, como desejam, não entretendo os trabalhos em curso, como agora fez, com a França, numa situação extremamente difícil, por causa do não de 29 de Maio último, e com a Alemanha à beira de eleições legislativas, em Setembro, que podem implicar o abandono do poder pela coligação "vermelho-verde" e o fim do governo de Gerard Schroöder e Joscka Fisher. O qual, segundo o livro que acaba de publicar - que não li mais do que referências na imprensa internacional - também parece estar a evoluir para a Direita. Sinal dos tempos.

Será que Blair não terá tido alguma razão quando exigiu que Jacques Chirac aceitasse reduzir o Orçamento da PAC (Política Agrícola Comum) que absorve mais de 40% do orçamento europeu e que é escandalosamente favorável à França? Teve, obviamente. Falei aqui várias vezes contra a PAC

e contra o que ela representa de injustiça para os países subdesenvolvidos e mesmo europeus, como Portugal. Mas devia tê-lo feito quando há meses a questão foi debatida de novo e se chegou a um acordo provisório. Ora então não o fez. Blair calou-se, talvez por não se sentir com força para mover os piões e pôr em cheque-mate a França. Calou-se. Fê-lo agora, oportunisticamente, no pior momento, quando sabe Jacques Chirac profundamente enfraquecido e não ignora que a derrota do Presidente francês traduz a abertura de uma crise da maior gravidade para a União Europeia, no seu conjunto.

Alguns observadores, puseram a correr a hipótese optimista de Blair se querer apresentar como o salvador da Europa, após a crise, tentando "concertar os cacos" quando estiver na presidência da União. Alguns das suas últimas declarações vão nesse sentido. Infelizmente, não creio que seja assim. Para isso, era necessário que Blair tivesse coragem e uma estratégia autónoma em relação aos Estados Unidos, duas condições que lhe faltam em absoluto como a história recente demonstra à saciedade e a mentira justificativa da guerra do Iraque, sustentada à outrance, para agrado de Bush, tornou patente aos olhos de todos.

A dupla crise aberta nesta Cimeira é difícil de superar. O mundo, com ela ficou mais inseguro e incerto e a Europa, como Região, singularmente enfraquecida. Pôs em evidência o que venho sustentando há alguns anos: que a Europa não tem líderes à altura do momento que o mundo atravessa, com visão que ultrapasse o imediatismo, os egoísmos nacionais, o que julgam ser o voto que mais agrada aos eleitores nacionais, independentemente das suas convicções, quando as têm, e dos interesses colectivos europeus.

Lembro-me do tempo da descida progressiva da Europa, para o abismo, que precedeu a guerra mundial; da subserviência de Neville Chamberlain (Inglaterra) e de Eduardo Daladier (França), na humilhação de Munique, perante a arrogância dos ditadores, todo poderosos, Mussolini e Hitler. Os tempos são outros, é certo, não há ditadores à vista. Mas a pequenez dos líderes europeus é idêntica. Blair não usa o clássico chapéu de chuva, símbolo da paz, de Chamberlain; Jacques Chirac não partilha, seguramente, as angústias de Daladier (relevadas nas suas Memórias). Mas a falta de sentido das responsabilidades e a mediocridade das suas pequenas ambições imediatistas, não será muito diferente...

Veremos o que o futuro próximo nos reserva. Aproximam-se tempos difíceis. A grande utopia europeia - a maior e mais significativa aventura política das últimas décadas - está ferida de asa. Esperemos que a cidadania europeia - esse fenómeno novo, em crescimento - se erga e desenvolva, apontando o caminho aos políticos. Que os jovens, sobretudo, os que mais beneficiam do projecto europeu de paz, de bem estar e de desenvolvimento sustentado, contribuam para dar um novo élan à ideia europeia. Tanto os que disseram sim como os que votaram não. E que digam claramente, olhos nos olhos, aos líderes do momento que não há fatalidade em história nem estrangimentos económicos inultrapassáveis. Só o gosto da coragem e a força das convicções poderá abrir aos políticos responsáveis de hoje e de amanhã as portas da história e do reconhecimento dos cidadãos europeus. Antes que seja tarde!

Lisboa, 30 de Junho de 2005